

25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

RE-SIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS TERÊNA DE EKERUÁ: UMA ABORDAGEM DA PRODUÇÃO CULTURAL SUBALTERNA

Losnak, Sérgio Ricardo¹

Resumo: Este artigo traça a trajetória de índios Terêna, da Aldeia de Ekeruá, localizada na Reserva Indígena de Araribá, Centro Oeste Paulista. O contato com seus parentes e com os não indígenas são vistos como processos de assimilação, aculturação, re-significação e desterritorialização dos quais foram sujeitos durante estes últimos dois séculos. No entanto é no contexto da nova ordem globalizante que este povo dá sinais de reconstrução de sua identidade por meio da valorização de seus saberes e fazeres tradicionais, que muitas vezes são transformados em produtos. A pesquisa de campo proporcionou a identificação da diferença e da desigualdade dos quais estes cidadãos brasileiros estão sujeitos e mostrou indicativos de empoderamento proporcionados por sua produção cultural rica e diversa.

Palavras-chave: Povo Terêna. Re-significação da Identidade. Produção cultural subalterna.

¹ Celacc - Centro de Estudos Latino-americano sobre Cultura e Comunicação, ECA, USP; Museu Histórico Municipal de Bauru, Centro de Cultura Kipaê, AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Bauru e CODEPAC e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru. sergiolosnak@terra.com.br.



Introdução

A contemporaneidade é marcada, sobretudo pelas transformações provocadas por sucessivas ondas globais que atuam principalmente por meio dos fenômenos **políticos, econômicos, culturais, sociais e ambientais**, reconfigurando constantemente diferentes espaços, tempos, indivíduos e sociedades.

Dentro do contexto mais recente da globalização, a desigualdade se estabelece como característica marcante, e de forma gradual se coloca como consequência aceitável na lógica instituída pelo capital, dissimulando a indignação.

A cultura, ganha novas formas e significados, se dinamiza nas redefinições e na criação das identidades múltiplas dos indivíduos, diante das influências exercidas pelos diferentes agentes como, por exemplo, os “mídias”, o mercado cultural, as novas tecnologias e as políticas públicas e privadas. Traz-se para a cultura um sentido mais materialista tanto na concepção como na produção, desarticulando os modos do criar e fazer já instituídos em seus longos processos históricos e perdendo a característica singular e de essência do seu determinado grupo.

A cultura, conforme Canclini (2005) se **desterritorializa** por consequência de sua hibridação. É mediante as misturas e mestiçagens, associadas às possibilidades proporcionadas pelas novas tecnologias que de forma mais intensa e rápida, estimula o conhecimento, as relações entre os indivíduos e suas manifestações culturais.

Assim, a cultura pode ser compreendida como agente de aproximação e reconhecimento tolerante das diferenças. O saber da existência e o contato com as diversidades múltiplas ampliam o espectro de visão sobre as particularidades do mundo e de como os grupos humanos se comportam e conduzem no seu complexo processo de organização social. A partir destes pressupostos, mesmo desterritorializada, a cultura constrói a possibilidade de valorização do próprio indivíduo e de seu grupo, seja pela sua história, tradição, modos de criar e fazer, ou pelo entendimento de sua própria diferença para com os demais, além da marca trazida pela sua singularidade e **identidade**.

É dentro da perspectiva da **economia desigual e da cultura da diferença** que este artigo se propõe diagnosticar e identificar a **produção cultural** da etnia indígena Terêna na atualidade. Subsidiado por depoimentos este artigo, tem o propósito de mostrar a produção cultural do artesanato, dos jogos cênicos, da língua materna e da memória oral dos indígenas da etnia Terêna, que se encontram aldeados em Ekeruá, em

área da Reserva Indígena de Araribá, localizada no município de Avaí, região do Centro Oeste Paulista.

O Povo Terêna

Tratar e compreender a produção cultural contemporânea Terêna passa pelo reconhecimento dos intensos e constantes processos de aculturação, assimilação e deslocamento a que foram submetidos, principalmente pela interferência dos povos hegemônicos do ocidente, os espanhóis e portugueses, durante a ocupação e exploração colonialista na América Latina, como também, mais recentemente pela última onda globalizante, onde o colonialismo se dá pela influência principalmente do capital.

Estas interferências constantes no processo evolutivo das sociedades originária da América Latina se configuram como mecanismos de extermínio, tirania, exclusão e cerceamento dos direitos mínimos necessários para a sobrevivência natural destes povos, deixando marcas significativas em sua formação cultural.

Os Terêna são originários do Chaco², região onde uma grande diversidade de grupos e subgrupos étnicos indígenas se relacionavam por meio de processos de dominação e de interdependência. As análises e referências preconizadas por autores clássicos e por cronistas em seus trabalhos de campo sobre os indígenas que ali viviam, de uma forma geral, indicam que não existe uma unanimidade quanto à divisão e classificação dos diferentes grupos, mas é consenso sobre a teoria da existência de um grande grupo chamado Aruák, que se divide em dois subgrupos bem diferentes por suas práticas culturais e pelo desenvolvimento de suas técnicas, chamados Chané e Guanás, conforme aponta Carvalho.

As “nações” indígenas eram muito distintas cultural e “lingüísticamente”. Dentre as mais importantes destacavam-se: a **Chiriguana** (Guarani), com população composta de 40 a 50 mil pessoas; **Mbayá**, com 3 a 4 mil, dividida em sete ou nove tribos, muito temida pelos Espanhóis e por outros grupos tribais; **Guaná**, a mais pacífica e dócil, com cerca de 30 mil índios, dividida em sete grupos: Layana ou Chaná; Terêna ou Etena, com dois “pueblos”; Echoaldi; Neguecagatemi; Equinikinao, também com dois “pueblos”. As demais eram: Mataguaya, Vilela, Lule, Macobi, Abipon, Lengua, Payaguá, Zamuca e Yacure. (CARVALHO, 1979, p. 24)

Segundo Oliveira (1976) terêna são os últimos remanescentes dos Guanás e tem o Aruák como língua materna, eram considerados pacíficos e exímios agricultores, utilizavam o sistema de roças que permitia obtenção de alimentos durante o ano todo.

² Chaco é uma área geográfica plana de baixa altitude, vegetação predominante de xerófilas, de estações bem definidas, com clima quente e seco, compensado por uma farta hidrografia, situa-se no sul da Bolívia, oeste do Paraguai, norte da Argentina e na parte oeste do Brasil, entre a margem direita dos rios Paraná e Paraguai, de um lado, e o sopé dos Andes do outro.

Esta foi a principal característica que os colocaram em situação de subordinação/integração com os seus parentes Mbayá-Guaicurú, povo nômade e guerreiro, que detinham a técnica de uso de metal como adorno e da utilização de cavalos como arma de guerra, logo após a introdução destes animais na América pelos Espanhóis. As relações intertribais não se restringiam somente por meio dos conflitos e dominação, mas também por alianças estabelecidas por meio do matrimônio.

Esta complexa relação de interdependência entre os grupos pode ser caracterizada mais como uma união para suplantar as deficiências particulares encontradas pelas etnias, do que uma submissão simples imposta pelo domínio da força, da técnica ou mesmo da cultura.

Oliveira (1976) classifica como simbiótica as assimilações dos saberes e fazeres culturais dos Terêna com seus parentes indígenas. Posteriormente estas relações se expandiram para com os colonizadores e mais recentemente com as sociedades não indígenas das cidades e do campo.

Pois essa estreita interação – simbiótica – até certo ponto pode ser generalizada para o universo Guaná, caracterizando todo um período que as relações, entre as partes representativas de ambos os grupos, assumiram formas sistemáticas e contínuas, e que resultaram num processo de aculturação inter-tribal, sem cuja consideração se torna impossível compreender a cultura Terêna (Guaná) tradicional. (OLIVEIRA, 1976, p.36)

A produção cultural Terêna atual é composta pela diversidade de significados, representações e técnicas que foram sendo assimiladas e apropriadas através do tempo, de acordo com as relações estabelecidas com os índios e os não índios. Compreende-las requer partir do pressuposto de que tais manifestações foram sendo construídas, reconstruídas e principalmente perdidas durante sua evolução histórica.

Com o processo de genocídio implantado na região pelos colonizadores, os nativos da região do Chaco passaram por volta dos séculos XVIII e XIX a intensificar seus deslocamentos. Os Terêna seguiram no sentido sul pelo Rio Paraguai em direção ao atual Estado do Mato Grosso do Sul. Segundo Castelnau (*apud* CARVALHO, 1979) a migração maciça iniciou-se por volta de 1845.

A ocupação das terras brasileiras pelos índios Guanás não foi nada tranqüila. Carvalho (1979) aponta três importantes movimentos que os colocaram em completa situação de exclusão e desterritorialização. O primeiro movimento se refere à expansão pastoril no centro oeste, sudeste e sul do país. O segundo se deu em virtude de um complexo fluxo humano gerado pela Guerra do Paraguai. Neste momento, os Terêna se

aliaram ao Império pela promessa de serem reconhecidos como povo brasileiro e de terem seus territórios definidos legalmente. O terceiro movimento advém da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que trazia como símbolo o “eldorado” – caminho para o oeste -, que viabilizou uma robusta rede de comunicação com o oeste do Brasil. Partindo de Bauru – S.P., com interligação ao porto de Santos – S.P., chegando até Corumbá – M.S. Tratava-se de um projeto estratégico Latino Americano, visando à interligação do Oceano Atlântico com o Oceano Pacífico.

Os constantes deslocamentos dos Terêna em terras brasileiras impossibilitaram a suas práticas tradicionais de instituição de lugares, conforme se pode relacionar com os conceitos de Claval (2007).

A instituição de territórios, espaços e lugares devem-se em virtude de uma relação íntima, um elo estreito, assimilado pelo grupo diante do seu significado. Não há sociedade sem espaço para lhe servir suporte, ou seja, todo indivíduo necessita apropriar-se do espaço, de alguma forma demarcá-lo e denominá-lo, ter uma referência espacial para cultivar seus mortos, localizar-se, para que assim possa construir sua identidade cultural.

A falta de referência espacial para a construção de uma sociedade remodelada de acordo com a sua nova realidade, fez com que os Terêna cada vez mais se integrassem aos meios culturais dos não indígenas. Sua desterritorialização proporcionou novas condições de organização social, como a condição de indígenas não aldeados, que passaram a viver nas periferias das cidades, a de colonos que se dedicavam ao trabalho nas fazendas e mais tarde a situação de tutelados por parte do Estado.

Com a criação SPI – Serviço de Proteção Indígena, em 1910, pelo governo brasileiro, a política indigenista introduzida pelo Marechal Cândido Rondon – descendente de índio – direcionou-se para a criação de Reservas, onde os mesmos foram confinados e controlados como patrimônio federal, experimentando um novo modelo de organização sociocultural, passando de sua organização social associativa para o modelo de núcleo familiar.

Sendo criada em 1913, a Reserva Indígena de Araribá somente recebeu os primeiros Terêna em 1932, foram trazidos do Mato Grosso do Sul para repovoamento da Reserva, logo após a gripe espanhola ter quase dizimado a população Guarani e Caingangue que ali viviam.

No Araribá os Terêna começaram a chegar em grupos familiares, a partir de 1932”. Primeiramente ai aportaram 21 indivíduos, entre adultos e menores, sendo 11 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Foram trazidos para dedicarem-se ao plantio e colheita do café, atividades que os Guarani não haviam mostrado aptidão ou interesse. Tempo depois, 12 deles, 6 de cada sexo regressaram ao Mato Grosso. Posteriormente houve novas chegadas... (DINIZ, 1976, p. 46)

Atualmente, a Reserva de Araribá esta dividida em quatro aldeias, com sistema de governança indígena específico para cada uma delas, possui 144 residências para uma população total de 557 indígenas, sendo que estão divididos nas aldeias da seguinte forma: aldeia Ekeruá 146 moradores; aldeia Nimuendajú 74 moradores; Kopenoty 200 moradores e Tereguá 107 moradores.³

Aldeia Ekeruá

Ekeruá foi formada recentemente, no ano de 2002, após uma divisão política sob a questão da terra e gestão indígena da Reserva. Basicamente é constituída por índios Terêna, porém é importante considerar que os Terêna tradicionalmente apresentam características exogâmicas, sendo possível constatar a existência de matrimônios entre índios Terêna e Guarani dentro da aldeia de Ekeruá, conforme depoimento do professor indígena David Terêna.

“O artesanato eu aprendi com minha mãe, minha mãe fazia, como meu avô falou, ele se chama Francisco e é Guarani, minha mãe é Guarani e meu pai é Terêna, o que chamamos de Tereguá, Terêna com Guarani. Eu me intitulo Terêna e não Guarani, porque cresci na Aldeia Kopenoti e lá só vivem os Terêna, eu cresci na cultura Terêna.”
(DAVID, depoimento gravado em 05/07/09 na aldeia de Ekeruá).

Ekeruá conta com 146 moradores fixos, sendo 78 do sexo masculino e 68 do sexo feminino, a faixa etária de maior concentração esta em torno dos 10 a 19 anos, ou seja, população altamente jovem, e acima dos 60 anos ainda vivem na aldeia 9 pessoas.⁴

O contingente humano na aldeia esta dividido em 37 residências construídas em alvenaria no formato de um grande círculo. O espaço central da aldeia é destinado as ações coletivas, composto por um bem tratado campo de futebol, um de seus lados existe uma estrutura coberta para realização de atividades diversas, sala de aula, capela com características herdadas da religião católica, banheiros, rancho circular de médio porte de eucalipto e sapé, um pequeno depósito geral construído em madeira e uma

³ Dados relativos a março de 2009, informado pela Assessoria de Saúde Indígena – Pólo Base Bauru – FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

⁴ Idem

escola que encontra-se em estágio final de construção. Do outro lado do campo, pode-se observar uma igreja da Assembléia de Deus, construída em alvenaria bem maior que a citada.

Relações de produção pelo trabalho

As principais atividades econômicas desenvolvidas pelos habitantes de Ekeruá se dão basicamente pela venda da força de trabalho ou pela produção diversa que atenda as necessidades do mercado urbano próximo, sendo que o artesanato se coloca na dimensão secundária no quesito geração de renda. O processo de vida indígena tradicional passa a ser reconfigurado diante das demandas externas da aldeia, e do que Milton Santos classifica de “motor único”, onde a produção e as técnicas se mundializam, gerando a mais-valia-universal, pois a participação nos resultados e a apropriação dos processos produtivos são altamente excludente, principalmente para os subalternos organizados em sociedades particulares frágeis e pouco associativas como a dos Terêna. Em Ekeruá as atividades praticadas pelos moradores da aldeia podem ser classificadas em quatro tipos: a principal esta ligada ao uso da terra da Reserva; seguido pela venda da força de trabalho para diferentes fins externos a aldeia; já o terceiro se dá por meio do emprego público em órgãos criados para tutelar e garantir a integridade étnica e cultural destes; por último o trabalho ligado a produção e comercialização cultural tendo como referência as particularidades étnicas culturais tradicionais dos indígenas Terêna.

A reconstrução da identidade pela cultura

São poucos os registros encontrados que tratam da produção cultural mais tradicional dos Terêna, mas o que se sabe é que esta cumpria as necessidades relacionadas ao cotidiano, aos rituais, aos cerimoniais e a decoração diversa. Com o processo de aculturação intenso a que foram submetidos, o criar e fazer absorveram novos valores, significados e sentidos através do tempo, alterando-se de acordo com os espaços que cada grupo instituiu como lugar e com as relações estabelecidas com grupos humanos diferentes. (FERREIRA, 2008)

A dualidade provocada pela motivação da produção cultural tradicional e da assimilada, traz ao grupo um conflito identitário, a principio criou-se um distanciamento do tradicional, provocando uma ausência de sentido dos seus fazeres culturais, posteriormente com a necessidade de geração de renda e de auto afirmação, a produção cultural adquiriu novas perspectivas. A Dança da Chuva praticada pelos Terêna de Ekeruá na atualidade se torna um bom exemplo, pois seu objetivo é exclusivamente

estabelecer uma comunicação direta com o público por meio do espetáculo. A comunicação com o divino, em que seus antepassados praticavam por meio dessa dança deixou de existir. Para pedir que a chuva chegue, e proporcione fartura na roça, foram incorporadas novas formas de comunicação com o divino, agora proporcionadas pelo cristianismo.

A necessidade do desenvolvimento de técnicas para **manutenção da vida**, diante do meio, fez com que os indígenas desenvolvessem utensílios, adornos e ferramentas, com objetivos muito bem definidos, hoje estes mesmos objetos, são classificados como artesanato com características utilitárias ou de adorno. Já as danças, jogos e os mitos estão relacionados as relações coletivas com o divino, que simbolicamente dão novos **sentidos à vida**.

Para os Indígenas, a vida para ser mantida e ter sentido exige determinada relação com o divino, requer o exercício de reconhecer-se e estabelecer uma relação próxima entre o grupo, instituindo um sistema de comunicação por meio de diferentes símbolos e códigos, que se diferenciam de acordo com as características de cada etnia e com o seu processo histórico. Esta relação de presença intensa do divino na produção cultural os aproxima e os faz sentirem aceitos e protegidos pelas divindades no mundo concreto para que possam seguir o caminhar evolutivo

É pela perspectiva de produção cultural que se pode verificar que este grupo Terêna adquire formas de reconstrução permanente de sua identidade. Ferreira (2008) afirma que o processo de colonização e controle psicológico visa exterminar a identidade originária e substituí-la por outra, com os mesmos significados do dominador. Assim a produção cultural, como o artesanato, a língua e as manifestações cênicas são os signos que congregam os aldeados, que os remete aos significados de suas origens e proporcionam à possibilidade de construção de projetos de resistência coletiva a subjugação e da imposição assimilativa de uma identidade exógena.

Na construção da identidade cultural (nacional), cristaliza-se a capacidade de um povo de determinar seu próprio destino, seu porvir individual, de classe ou nação. Nisso consiste a identidade. A identidade de um sujeito individual ou coletivo é o compasso, a bússola que o orienta através da história. É por isso que qualquer projeto de dominação utiliza-se do controle psicológico do submetido. A destruição da identidade é o primeiro passo em qualquer tentativa de dominação: a colonização da personalidade. (FERREIRA, 2008 p. 59)

Produção cultural em Ekeruá

A produção cultural Terêna de Ekeruá se mostra espontânea e lentamente renasce

como forma de resistência, emergindo de dentro para fora de sua sociedade, pelas ações conscientes de suas lideranças e pela implantação de uma política emancipadora pelos professores indígenas que juntos trabalham no estímulo pela consciência de suas diferenças étnicas e pela manutenção de sua cultura tradicional.

A língua materna, o artesanato, as danças, os jogos cênicos e a memória oral são as manifestações culturais que mais se revelam na comunidade de Ekeruá, sendo que a comunicação através da linguagem é a relação que mais os aproxima de sua cultura originária.

Aquelas que geram produtos são disponibilizadas como forma de geração de renda e as demais contribuem para divulgação das características étnicas, em festividades na aldeia, eventos e feiras em cidades próximas. Estas produções provocam uma das poucas oportunidades de interação e trocas entre a população local. São momentos de trabalho coletivo onde se efetivam as práticas culturais, exercendo o planejamento, execução, difusão e noções de comércio. Na dança a estrutura de trabalho familiar é trocada pelo coletivo, remetendo a origem mais tradicional de seus antepassados.

Parte das características e técnicas de produção dos Terêna conseguiram se manter durante seu longo processo histórico, sua transmissão foi sendo viabilizada de geração em geração pela memória oral e pelo exercício da prática.

Duas das mais idosas índias de Ekeruá, as irmãs Ingrácia e Joana, matriarcas do fazer da cerâmica na aldeia, relatam processo de transmissão da técnica e indicam que quando este processo se deu a atividade já objetivava o mercado.

“Aprendemos a fazer a cerâmica com a finada minha mãe, só nos duas, ia crescendo e ia chamando a gente, via ela fazendo, nos duas acompanha, a maioria trabalha na aldeia, o trabalho de todo mundo era fazer cerâmica, cada uma fazia em sua casa, as mulheres da comunidade mulheres fazia, não sei se fazem ainda, todas elas trabalhavam e moravam na aldeia de Cachoeirinha MS. Ai senta no chão pega o barro e vai fazendo e não brinca, minha mãe não deixava brincar, não brinca com a mãe, não podia brincar, respeita a mãe quando a mãe chama tem de senta e faze. Senta faz um pouco um dia e continua no outro.” (Ingrácia entrevista realizada em 05/07/ 09 na aldeia de Ekeruá)

A Cerâmica é o artesanato que mais identifica a cultura Terêna, por sua coloração avermelhada e pela pintura monocromática. Seus produtos basicamente se

dualizam em utensílios domésticos, como vasos, cuias, panelas, moringas e por objetos de decoração, principalmente animais e aves. É uma atividade praticada exclusivamente pelas mulheres diferentemente de outros tipos de artesanato, que se constata a presença de homens.

Os demais tipos de artesanato são produzidos por grupos familiares, é comum todos os membros de uma mesma família se dedicarem a este trabalho, como é o caso da família de dona Elisângela.

“Eu acabei ensinando a todo mundo daqui de casa, porque estas coisas a gente vai passando para a família, meu pai ensinou nós, porque eu via ele fazendo, ai eu casei com Terêna, mais os Terêna mechem mais com cerâmica, os colares de semente eles não meche, mais como ele comigo foi aprendendo eu fui passando, aprendeu trançar, até aprendeu o trançado de guaimbe e com isso meu filho foi também aprendendo e todos já sabem da família.”
(Elisângela, entrevista realizada em 05/07/09 na aldeia de Ekeruá)

A produção dos demais tipos de artesanato pode ser dividida em adornos como colar, brincos, braceletes, cintos entre outros, como também diversos instrumentos, alguns musicais como flauta de bambu e chocalhos e outros de caça, como arco e flecha, lanças e zarabatana. Muitos dos adornos são característicos da cultura indígena, outros mais ocidentalizados. Toda a produção é praticamente feita manualmente sem o auxílio de ferramentas ou maquinas. Grande parte da matéria prima utilizada é aquela encontrada na própria aldeia, cipó, sementes de diferentes espécies, bambu e penas, a diversidade da produção é definida pela obtenção de matéria prima.

“Meu pai fala que os índios Guarani viam os desenhos das cobras entendeu, vê que é quase igual, via o desenho que tinha na cobra e fazia igual, vê esse aqui também tem o desenho da cobra, essa e de outra cobra mais tem da jibóia que é assim, tipo de balãozinho, então antigamente os índios fazia igual das cobras, meu pai fez e a gente vai passando pros outros. A gente acaba tirando as idéias da própria natureza, dos animais.” (Elisângela, entrevista realizada em 05/07/09 na aldeia de Ekeruá)

As atividades cênicas praticadas em Ekeruá envolvem toda a comunidade, de crianças a idosos, de forma coletiva e divertida se pintam, utilizam adornos e vestimentas semelhantes as usadas por seus antepassados. A dança do Bate-Pau é estritamente masculina, em fila dupla os homens se confrontam simbolizando um momento de guerra entre duas tribos inimigas, segundo explicações do Cacique Jase.

A Dança da Chuva é praticada somente por mulheres e esta relacionada à fertilidade. A encenação de contos ligados à mitologia Terêna é algo que foi apropriado dos contadores de histórias do passado e a transmissão se deu através da oralidade. Segundo David os pajés Terêna tinham o papel de manter viva a imaginação e a mitologia, reuniam as crianças nas noites de luar no centro da aldeia, contando e representando diversas histórias. Na atualidade esta atividade não é mais desenvolvida pelo pajé, os professores indígenas assumiram este papel e deram um caráter mais teatralizado para a transmissão de seus mitos e das histórias de seu povo.

A língua materna dos Terêna o Aruák, com o passar do tempo se tornou uma língua secundária praticada em Ekeruá, utilizada pelos índios mais velhos principalmente em ambientes mais reservados, como dentro de casa e em pequenos grupos. O português então se tornara a língua principal, era a única ensinada na escola local e utilizada nas diferentes formas de comunicação, o que acabou levando os Terêna a um significativo distanciamento da língua materna, conforme relata a Secretária de Educação de Avaí, Ondina Zapater, “as crianças não falavam mais a língua materna”. Foi no ano de 2001, que a Rede Municipal de Ensino de Avaí introduziu nas escolas da Reserva, a figura do indígena como auxiliar do professor titular, trabalhavam juntos em sala de aula com objetivo de introduzir o ensino da língua materna e no resgate da linguagem. Quando da estadualização das escolas indígenas em 2003 pelo Governo do Estado de São Paulo, a Secretaria de Educação, em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, iniciou um processo de formação de professores indígenas da própria Reserva. Atualmente somente existem professores indígenas nas escolas da Reserva, o que provocou a efetivação pedagógica do ensino bilíngüe.

Com a formação dos professores indígenas os alunos aprendem à língua materna e o português. Essa metodologia de ensino bilíngüe tem causado certo empoderamento aos jovens diante dos não índios por dominarem uma segunda língua, estes se sentem diferentes pela capacidade da comunicação e pela ligação mais íntima com sua identidade cultural. É possível verificar este fortalecimento na aldeia quando se vê crianças conversando e brincando na língua materna, que, de acordo com o professor David, a escola atende as orientações dos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais e funciona da seguinte forma.

“Na escola formal da aldeia atende até a oitava série, trabalham 7 professores todos são indígenas da própria aldeia. E esta dividida em 3 eixos, um da linguagem de códigos; que trabalham a língua

portuguesa, Terêna e inglês também, artes, o outro que eu dou que é ciências e matemática e o terceiro, história e geografia. Na escola tem oficinas todas culturais, nosso idioma, estórias do nosso passado a escola funciona por ciclo 1, 2 e 3. O ciclo 1 é o 1º, 2º e 3º ano, o ciclo 2 é o 4º, 5º e 6º ano e o ciclo 3 é 7º, 8º e 9º ano. Temos hoje 58 alunos.” (David, entrevista realizada em 05/07/09 na aldeia de Ekeruá)

Diante de todo o processo de pesquisa de campo que acabou proporcionando uma relativa intimidade com diversos moradores da aldeia, e principalmente com as conversas informais sem o constrangedor “gravador” é que foi possível constatar que existe determinada consciência da situação de submissão social do qual o grupo está sujeito. Foi possível perceber principalmente entre os índios mais politizados o entendimento de que abrir a aldeia para que a sociedade conheça suas diferenças culturais será uma forma de auto-afirmação de sua identidade e de uma grande possibilidade de se construir novas perspectivas de trabalho por meio do turismo, tendo como principal atrativo suas manifestações culturais.

A comunidade de Ekeruá vem buscando novas perspectivas de vida por meio de suas diferenças, suas características originárias tem provocado um determinado empoderamento cultural. Essa recente situação é possível de ser identificada quando de sua participação do projeto “Caminhos Turísticos do Centro Oeste Paulista”, que congrega dez municípios da região na viabilização das potencialidades locais, buscando o fomento do turismo.

Diante desta nova perspectiva, a produção cultural da aldeia começa a ser vista pelos moradores como algo que pode proporcionar novas possibilidades. O estímulo a se expressar artisticamente, tendo como referência suas raízes, ganha maior dimensão e aceitação principalmente dos mais jovens, permitindo que a auto-afirmação de sua cultura, diminuindo os conflitos de identidade com a sociedade não indígena.

Considerações finais

Isolados da maior concentração de seu grupo étnico no Brasil e distantes de suas terras de origem, os Terêna de Ekeruá se tornaram um testemunho da sobrevivência e resistência no interior do Estado de São Paulo. O processo de interferência inter-étnica se intensificou após o contato com o branco, mas verifica-se que as experiências de miscigenação e assimilação da cultura já se mostravam presentes com outras etnias indígenas, sendo bem aceitas pelos diferentes grupos Terêna, porém essas influências eram menos impactantes do que aquelas causadas pelas sociedades não indígenas.

Nota-se que após 70 anos da chegada dos Terêna em Araribá, com a criação da aldeia de Ekeruá, surge o sentimento e ações concretas de construção de novas perspectivas e oportunidades, tanto de apropriação do espaço regional, como no sentido de valorização coletiva de suas tradições culturais.

As diferentes atividades coletivas introduzidas no cotidiano da nova aldeia, em virtude da condução da gestão política da governança local, têm estimulado o entendimento dos moradores a respeito de suas diferenças étnicas e de como utilizar esta particularidade como forma de potencializar as ações produtivas do grupo e dos indivíduos. A produção cultural de Ekeruá, fomentada de forma crescente tem provocado um olhar mais particular de si mesmo, orientados pelos professores indígenas da escola local, estão canalizando ações na viabilização de um Centro de Cultura Indígena, na própria aldeia, que leva o nome de Ekipaê.

Na língua Terêna, Ekipaê significa Ema, ave com grande presença em sua mitologia. O Centro de Cultura Kipaê foi idealizado pela própria comunidade indígena, e se tornará um espaço de formação do grupo local e difusão cultural, por meio da vivência, do fazer e do criar da tradicional da cultura Terêna. Este complexo irá ser formado por estruturas físicas típicas, como a casa da reza, da farinha, moradia, trilhas na mata, ou seja, uma representação originária do modo de vida tradicional dos Terêna, algo que atualmente não pode ser encontrado na aldeia. Assim tende a se transformar em um local receptivo de turistas, criando um fluxo de visitas para divulgação de sua cultura e do incremento do comércio de sua produção.

Atualmente, quando visitantes adentram a aldeia, principalmente jovens de idade escolar, tendem a reconhecer uma realidade indígena muito próxima a da deles, pois é comum ver carros, casas de alvenaria, campo de futebol, indivíduos com roupas de marcas conhecidas, ou seja, a idéia simbólica que se tem dos indígenas é muito diferente daquela encontrada na aldeia.

Então o que se esta propondo em Ekeruá é oferecer a possibilidade de conhecer a realidade indígena atual, como também sua dimensão originária e tradicional, sem deixar a dimensão de contextualização do conflito existente entre o originário e o contemporâneo real,

Neste contexto de reconstrução de identidade e da perspectiva de transformação de forma mais intensa da produção cultural em produto, a proposta local deve se colocar em profunda reflexão das perspectivas futuras na qual estará sujeita, surgindo a necessidade de estreitamento das relações com as produções culturais originárias, das

possibilidades de viabilização de novos mecanismos de pesquisa que estabeleça relação direta com o imaginário da população local, de forma a entender as assimilações que podem interferir negativamente em sua produção cultural atual. Buscar mecanismos de acesso público a recursos para viabilização de seus projetos, por meio dos seus recursos humanos existentes, estabelecendo parcerias com agentes e entidades culturais na busca pelo fomento local.

Muito ainda resta a conhecer sobre o grupo étnico Terêna, mas o que se constata nesta aproximação pouco estreita proporcionada por esta pesquisa de campo é a grande relevância pela busca constante da integridade e da conquista de um lugar ao sol desta sociedade frágil e ao mesmo tempo poderosa por meio de suas particularidades culturais.

Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARVALHO, Edgard de Assis. **As alternativas dos vencidos: índios Terêna no Estado de São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

DINIZ, Edson Soares. **Dependência e destino: os Guarani e os Terêna do Araribá**. Tese de Curso de Livre Docência, na disciplina de Antropologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Marília: 1976.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Globalização e identidade cultural na América Latina**. 2. ed. São Paulo: Centro de Estudos Latino-americano sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terêna numa sociedade de classe**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

Bibliografia Consultada

AZEVEDO, Fernando. **Um trem corre para o oeste**. São Paulo: Martins, 1950.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: Temas e situações**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: O direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato ; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Cultura subalterna e neoliberalismo: A encruzilhada da América Latina**. São Paulo: Centro de Estudos Latino-americano sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1997.

FERREIRA, Maria Nazareth.(Org). **Identidade cultural e turismo emancipador**. São Paulo: Centro de Estudos Latino-americano sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.

IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao Bugre: o processo de assimilação dos Terêna**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RUBIM, Antônio Albino Canelas ; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, 2007. (Coleção Cult, 2).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHADEM, Egon. **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

SILVA, Armando Corrêa. **O espaço fora do lugar**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1978.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.